

SÉRIE VAGA-LUME: A LITERATURA JUVENIL E AS CONFLUÊNCIAS DO MERCADO.

Larissa Warzocha Fernandes CRUVINEL
Universidade Federal de Goiás (UFG)
larissacruvinel@hotmail.com

Resumo:

A denominação literatura juvenil revela a busca do mercado editorial para atrair um público específico, constituído por jovens leitores. No entanto, por mais que seja comum o emprego da referida classificação, o imbricamento entre arte literária e as predeterminações do mercado ainda deve ser analisado de forma mais profunda, com vistas a se problematizar como a produção de obras destinadas a um público definido pode influenciar a escolha estética dos escritores e, em um sentido mais amplo, marcar um gênero literário voltado para um leitor em formação. O objetivo deste trabalho é refletir sobre essas confluências em obras reunidas na coleção intitulada Série Vaga-Lume, da editora Ática, que teve início na década de 70 e, após mais de três décadas, ainda permanece no mercado editorial. Para tanto, partir-se-á de dois romances, *Spharion*, de Lúcia Machado de Almeida, publicado na Série em 1979, e *A chave do corsário*, de Eliana Martins, publicado em 2007, para observar as relações entre as exigências da editora e a liberdade criativa dos escritores, bem como as características recorrentes da coleção. Compreender, enfim, as tendências da narrativa juvenil na contemporaneidade envolve a discussão desse campo e a análise das obras juvenis, bem como a reflexão em torno das predeterminações do mercado na construção do literário.

Palavras-chave: Mercado editorial; Série Vaga-Lume; narrativa juvenil; especificidades.

A segmentação do mercado editorial em torno de obras literárias cada vez mais especializadas em atender os anseios de um público específico tem marcado a produção de bens simbólicos na atualidade. A equipe editorial assume importante papel nas diversas etapas do desenvolvimento do livro, bem como nas exigências em relação às configurações artísticas das obras literárias.

A literatura juvenil movimentava um amplo setor do mercado livreiro, visto que se destina a um vasto público consumidor, formado por jovens leitores e seus responsáveis, dentre eles pais e, principalmente, os profissionais vinculados às escolas. Além disso, é destinada a um leitor socialmente visto como em formação e, conseqüentemente, é relevante no desenvolvimento do gosto pela leitura literária. Daí a necessidade de compreender como os interesses das editoras têm influenciado o processo de escritura literária e quais as estratégias adotadas para atrair o público alvo almejado.

A questão é complexa porque, por trás do texto literário, há um amplo circuito, composto por autores, públicos, obras e seus mecanismos de circulação. Por um lado, as exigências do mercado editorial podem influenciar de maneira determinante as escolhas temáticas e formais das narrativas para jovens. Assim, há vasta produção de obras juvenis que privilegiam a recepção e, com o intuito de conseguir a empatia imediata do jovem leitor, estão centradas na manutenção de padrões já conhecidos, sem que haja ruptura com a expectativa do receptor.

Por outro lado, há segmentos do mercado editorial que investem na legitimação da

literatura juvenil e propõem obras literárias com tendências estéticas variadas e diversos graus de complexidade, fugindo da fórmula de sucesso repetida incansavelmente com apenas poucas alterações superficiais de obra para obra. Há ainda a busca do escritor pela liberdade criativa e a tentativa de se auto-afirmar como artista desvinculado de aspectos puramente imediatistas. Se há escritores que resolvem esse impasse aderindo quase que completamente às normas do mercado, há outros que se preocupam com o refinamento da criação artística e enveredam sem restrições pelos meandros da linguagem poética. Dessa forma, alguns escritores buscam fugir da alcunha de literatura de passagem ou passageira e almejam a diluição das fronteiras entre literatura para jovens e literatura geral.

Por mais que o mercado editorial ocupe um papel relevante na modernidade, não se pode deixar ao encargo exclusivo das editoras a decisão sobre os norteamentos das configurações artísticas das obras literárias. É necessário realizar a análise sistemática da literatura juvenil para observar se há um respeito ao jovem leitor, com a produção de obras instigantes e capazes de levá-lo a uma reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo.

Nesse sentido, a crítica ocupa um lugar fundamental na discussão em torno das especificidades da literatura infantil e juvenil e no julgamento de valor de uma obra literária. Contudo, os estudiosos não podem se pautar nos mesmos critérios utilizados na literatura geral. Quando se pensa em literatura voltada para o jovem leitor, deve-se observar como o escritor adulto dialoga com os jovens e como lida com as peculiaridades do universo juvenil.

Maria Zaira Turchi considera que categorias como o ético e o estético são fundamentais para se pensar a literatura voltada para o jovem leitor. Escrever para um leitor em formação requer um trabalho habilidoso, pois, além da criação artística que é inerente a toda obra de arte, é necessário levar em conta o leitor criança e seus anseios na construção do literário: “Considerar o livro para crianças um objeto estético é reconhecer-lhe o estatuto de arte, não de obra paradidática, e perceber sua capacidade de construir um espaço textual plurissignificativo do ser humano diante do mundo.” (2004, p.38).

A literatura infantil e juvenil precisa se afirmar como arte literária imersa numa “ética do imaginário”, em que o autor adulto tenha em vista a especificidade do destinatário, sem, todavia, recorrer a reducionismos. Assim, deve haver uma “troca significativa em que o leitor se sinta tomando parte no mundo da literatura.” (p.38) e possa vivenciar a emoção estética proporcionada por obras instigantes e reveladoras da complexa condição humana. Nesse sentido, é necessário que a voz narrativa seja capaz de atender os interesses da criança, fugindo dos preceitos morais e conteúdos didáticos que fazem parte dos valores do universo adulto. Para isso, o escritor precisa “conciliar a contradição de ser ele mesmo e de ser o outro que ele já foi, e só pode voltar a ser, no jogo ficcional, por meio da memória e da imaginação.” (p.39)

Cabe à crítica analisar como tem se concretizado a ponte entre o escritor adulto e o jovem leitor. Assim, faz-se necessário acompanhar a produção atual para perceber se as obras literárias juvenis, mesmo imersas nas formas midiáticas da atualidade, conseguem assegurar uma leitura reveladora de múltiplos sentidos e capazes de proporcionar um alargamento das experiências estéticas do jovem leitor ou se há simplificação e empobrecimento do literário em prol ser acessível a um leitor considerado pouco afeito à leitura literária. Daí a importância de compreender como as normas do mercado influenciam na construção do literário e nas concepções do que seja literatura juvenil.

Este estudo realiza uma reflexão acerca da *Série Vaga-Lume*¹, com o intuito de entender como as exigências da editora podem influenciar a tecitura literária e marcar a

¹ Lançada pela editora Ática na década de setenta e até hoje permanece no mercado, com grande aceite entre os jovens e larga penetração nas escolas.

especificidade dos romances juvenis. Parte-se da análise de duas obras, *Spharion* (1979), e *A chave do corsário* (2007), para refletir sobre as características estéticas recorrentes da coleção.

Sharion e a virtude excessiva

As obras juvenis de Lúcia Machado de Almeida publicadas na Série Vaga-lume são marcadas por heróis excessivamente virtuosos. Em *Spharion*, a caracterização do protagonista como “bom moço” – bondoso, inteligente, obediente, bom filho, bom estudante, trabalhador - é caricatural:

Tô com pena, mãe! – repetia sempre Dico, que tinha o coração mole que nem mingau. Tinha pena de tudo e de todos. Desde cedo, sem ninguém saber por quê, não comia nada que houvesse sofrido morte: nem carne de boi, nem de frango. Só de peixe, uma vez ou outra, e assim mesmo, com remorsos. Pescar, ele não pescava mesmo. A única vez que fez isso, quando viu o peixe pulando fora d’água, fígado no anzol, logo o soltou, pediu desculpas, e o devolveu ao riacho que escorria vagaroso pelo fundo da chácara. (ALMEIDA, 1983, p. 13)

Desde criança, Dico apresenta características paranormais – ele levita quando ainda era um bebê de apenas cinco dias. Seu poder será importante para desvendar inúmeros crimes cometidos em Diamantina, em que homens são mortos e diamantes são roubados.

Em meio ao suspense, várias informações com caráter didático são transmitidas ao leitor, como o processo de retirada do cascalho, a diferença entre diamantes e cascalho, a lavagem, o polimento da pedra preciosa, o carbono catorze, além de um longo diálogo entre Dico e o jornalista Pedro sobre a história dos diamantes desde tempos remotos, o qual cumpre também a função de contrapor o valor da vida ao valor do diamante e, além disso, objetiva impor ao leitor uma postura moral exemplar.

Na obra, o inspetor Pimentel é o responsável pela investigação dos crimes, como em outra obra da Série, *O escaravelho do diabo*. Em *Spharion*, comenta-se que o inspetor é muito competente por ter desvendado o mistério em torno do escaravelho – uma contradição, que confere certa incoerência à obra, visto que, quem esclarece o crime na primeira narrativa é o protagonista Alberto.

Em alguns capítulos, muda-se o foco narrativo e o narrador em terceira pessoa cede espaço para Dico, que narra sua experiência em primeira pessoa, na forma de diário. O intuito é dar mais agilidade à narrativa, que também alterna o foco para Pedro, Dina e o inspetor Pimentel, para montar o quebra-cabeça, composto por várias perspectivas, e mostrar a participação de cada personagem na resolução do mistério. As peripécias em torno do namoro de Pedro e Dina também cumprem o objetivo de atrair o jovem leitor para o tema da iniciação amorosa, na tentativa de prendê-lo com um tema que supostamente faz parte de seus interesses.

Graças à sua paranormalidade, Dico tem uma visão do lugar onde o criminoso Spharion se esconde e, com a ajuda do inspetor e de Pedro, consegue encontrar o esconderijo. Lá o mistério é desvendado de forma rápida, caminhando precipitadamente para o desfecho. O leitor tem a impressão de que houve uma longa apresentação do mistério e, talvez para não cansar o receptor, o final é abrupto, utilizando-se um recurso pouco plausível – o diário do assassino é encontrado e lá estão todas as explicações a respeito de sua mente criminosa.

No confronto entre Dico e o vilão, Spharion cai no mar e morre. A despeito de suas

maldades, inclusive um atentado contra a vida do pai de Dico, o jovem protagonista não titubeia em compreender o criminoso de forma passiva e bondosa:

- Pedro olhou para seu amigo, e notou que uma lágrima lhe escorria dos olhos.
- Que é isso, meu chapa? Chorando?
- Tô com pena dele, Pedro.
- Do quase assassino do seu pai?
- Ele não era ruim, coitado. Era doido, apenas isso... (Almeida, 1983, p. 126)

Assim, Dico não se transforma ao final de sua trajetória, uma vez que ele é desde o começo “bom” e virtuoso. A falta de complexidade da personagem seria até justificável por ser um romance de mistério e estar centrado na aventura, mas a narrativa está demasiadamente presa aos ensinamentos escolares e à imposição de valores virtuosos. Os traços próprios do romance policial, como a vitória do bem e a punição do mal, são aqui acentuados com o propósito de transmitir uma lição sobre os benefícios da humildade e da fraternidade cristã.

Esta obra apresenta intenções didáticas, que, trazidas ao texto de forma exaustiva, travam a fruição da história. Sobre essa narrativa, assim se posiciona Nelly Novaes Coelho (1995, p. 583):

Conduzindo com mão segura a trama policial, Lúcia vai infiltrando habilmente uma série de “informações” do maior interesse cultural para o leitor: os processos de extração e lapidação de diamantes, as características das regiões diamantíferas, noções de parapsicologia que abrem novos caminhos para o homem chegar a um maior conhecimento de si mesmo e de suas possíveis relações com o universo, as histórias dos mais famosos e lendários diamantes do mundo, noções de química, de física, geografia, registro de alquimistas e filósofos ou místicos famosos, como Paracelsus, Jacob Boehme, Cagliostro, Al Hussain... (Sugerindo assim uma ligação, que é muito atual, entre as teorias que eles elaboraram e as atuais descobertas da parapsicologia...). Tudo isso, enfim, habilmente tecido na própria intriga novelesca, sem que, na maior parte dos casos, o leitor perceba que está “recebendo informações”.

A obra literária e a crítica de Coelho estão imersas na concepção de literatura juvenil que imperou até a década de 70, como algo que possa ser útil ao jovem em formação, apresentando, em meio à história, informações que possam ser utilizadas em sala de aula. A narrativa revela uma concepção de literatura voltada para o entretenimento, sem empecilhos que dificultem a compreensão da história, com temas considerados como próprios do universo juvenil, como o primeiro amor, e informações didáticas que possam ser abordadas em sala de aula.

A chave do corsário e a longa tradição didática

É possível observar que essa postura didática ultrapassa as obras que foram publicadas na década de 70 e, mesmo que de forma camuflada, ainda é recorrente em obras publicadas a partir do ano 2000. A *chave do Corsário*, de Eliana Martins (2007), foi finalista do Prêmio Jabuti em 2008. Entretanto, não apresenta grandes diferenças quanto ao tratamento do literário

em relação as outras obras da coleção.

Já na apresentação da obra, seus objetivos são apreentados e também uma antecipação do tema a ser abordado: “E essa é só uma das grandes descobertas de Joni: ele vai saber mais sobre a história de Niterói, explorar o Caminho Niemeyer e, de quebra, viver seu primeiro grande amor” (MARTINS, 2007, p. 5). Ou seja, o misto de informações didáticas, aventura e temas considerados como próprios do universo jovem, como o primeiro amor, são a marca da coleção.

Por meio de uma alternância de episódios, a narrativa é estruturada em dois espaços temporais distintos: o século XVIII e o tempo presente. Dessa forma, com o uso desse recurso, mesmo um tempo longínquo, como o das invasões francesas, é presentificado na narrativa e o leitor pode se sentir mais próximo dos fatos relatados.

No núcleo temporal associado ao século XVIII, destaca-se Gaston Raymond La Salle, que é ajudante de ordens do Almirante Jean François Duclerc. Ambos viveram na época das invasões francesas no Brasil, o que dá ensejo para transmitir diversas informações escolares sobre esse período:

Mas não era a primeira vez que os franceses atacavam o Rio de Janeiro. Muito antes, em 1555, outro almirante, Nicolau Durand de Villegaignon, e suas forças já haviam estado por lá. Depois de erguer o Forte de Coligny, Villegaignon tentou estabelecer no Brasil uma colônia, que chamaram de França Antártica.

Indignados, os portugueses, chefiados por Mem de Sá, destruíram a colônia francesa, passando a abrir mais os olhos para a defesa do litoral brasileiro.

No século XVIII, quando Duclerc chegou, a França não tinha mais a mesma política colonizadora de Villegaignon, mas continuava considerando o Brasil um espaço livre e disponível para as empresas comerciais francesas. (p. 24)

La Salle, encarregado por Duclerc de entregar um valioso medalhão ao seu amigo Almirante Trouin, é preso na fortaleza de Santa Cruz, mas consegue fugir e cumprir a ordem. Mesmo assim, não foi capaz de encontrar o tesouro, do qual o medalhão é a chave. Na sua viagem de retorno à França, Trouin joga o medalhão no mar, que será encontrado muitos anos mais tarde por João.

No núcleo temporal do presente, acompanhamos a vida de dois jovens surfistas, caracterizados sobretudo por seus traços físicos: “Felipe era um garoto bonito. Pele morena, ombros largos, braços fortes, olhos amendoados” (p. 17). Como a autora não tem intenção de aprofundar os aspectos psicológicos das personagens, sabe-se apenas que João é tímido e romântico, filho de pais separados e sofre em razão de seus conflitos na família. Sua mãe, Helena, mora na França com o novo marido. Seu pai mora no Brasil e tem uma namorada.

Diante dessa situação, João se sente como se não tivesse lugar na vida de seus pais: “Se eu morresse, será que alguém sentiria a minha falta? Percebeu que eu pareço um saco de batata atrapalhando o caminho das pessoas” (p. 46). Felipe, por sua vez, é descrito como mais extrovertido que João. Mas, como sua caracterização como personagem não é muito trabalhada, em alguns momentos no decorrer da história, os dois jovens quase chegam a ser confundidos pelo leitor.

Ao longo da narração, João gradativamente resolve suas dúvidas. O jovem encontra o medalhão jogado ao mar pelo Almirante Duclerc e começa uma pesquisa para descobrir sua origem e o significado da palavra que nele está gravada: “Rudá”. Por uma sugestão de um tio

de João, os garotos começam a investigação pelo Caminho Niemeyer. Na sequência montada para desvendar o mistério, ocorre uma série de associações, nem sempre muito lógicas, como, por exemplo, o fato de o medalhão ter uma palavra indígena nele gravada, as construções do Caminho Niemeyer também. Mas como a palavra “Rudá” poderia ter relação com qualquer outro lugar, não há nada de concreto que os leve a acreditar que o Caminho Niemeyer proporcionaria a explicação para o mistério.

Em meio à investigação, os jovens vão descobrindo diversos documentos históricos. O leitor também é informado sobre pontos importantes da História do Brasil: “Cronologicamente falando, começamos, mesmo, com esse dado que o Felipe deu: 1573. Arariboia funda a cidade, sem esquecermos que ela não se chamava Niterói, e sim São Lourenço dos Índios” (p. 67).

No final da história, por meio de uma notícia de jornal, sabemos que João saiu vitorioso de todas as provas. Ele consegue desvendar o mistério, encontra o tesouro, tem seu feito reconhecido, e é até mesmo homenageado no salão nobre da prefeitura de Niterói

Além da indissociável ligação entre o amadurecimento de João e informações de caráter escolar, outro ponto que prejudica a construção estética da narrativa, são algumas imagens piegas, como se pode observar nestes trechos destacados:

João começou a chorar como uma criança. “Seus olhos verdes brilhantes são o próprio mar”, pensou Angélica, enternecida. (p. 83)

Mãe e filho, na despedida, beijaram-se virtualmente, mas sentiram nos lábios o mesmo amor. (p. 105)

Por intermédio da palavra entalhada na pedra, o deus do amor inundou de felicidade o coração deles. (p. 111)

Não chora, não, Angélica. Você me fez homem, me fez descobrir o amor. (p. 117)

O excesso de rejeição de João em relação a todos é muito acentuado na narrativa. Angélica, assim como o protagonista, convive com a ausência da mãe, mas ela tem uma relação harmônica com o pai e resolve de forma madura seus conflitos familiares. Com o exemplo de Angélica, João começa a repensar sua vida.

Os chamados temas tabus em geral não são explorados nas obras da Série Vaga-lume. Quando temas como sexo são abordados, aparecem sempre camuflados. Mas essa obra é mais ousada quando aborda a primeira relação sexual de João com Angélica: “Recostado no travesseiro, olhos fechados, João voltou à tarde do seu primeiro momento de prazer, em Itacoatiara, quando tinha transado pela primeira vez” (p. 110). Mesmo assim, a cena é apresentada sem muitos detalhes.

Ao longo da narrativa, João vai percebendo sua atitude equivocada em relação aos pais e aos avós: “Será que ele é que não sabia aceitá-los como eram? Que ficava esperando deles mais do que eles podiam dar?” (p. 104). No final, junto com a vitória nas provas, o jovem supera seu conflito em relação aos pais e põe fim ao seu sentimento de rejeição.

No desfecho da obra, quando Angélica anuncia a liberação de sua bolsa de estudos para um curso na Espanha, João demonstra segurança diante desse novo embate: “Não chora, não, Angélica. Você me fez homem, me fez descobrir o amor. Tirou a venda dos meus olhos. Me fez ser feliz. Fora que não é um adeus, é só um até breve. Seja lá pra quando for. Não fala mais nada, só me dá um beijo” (p. 117). Em sua fala, já marcada por sentimentos de autoafirmação, o protagonista mostra-se capaz de enxergar a vida com mais discernimento.

Ele resolve seus conflitos e se sente seguro diante dos novos desafios que se apresentam.

No entanto, como a narrativa tenta conciliar a aventura, os aspectos históricos e várias outras peripécias, com o processo de amadurecimento do jovem, esse último aspecto – o da sua formação – não é devidamente aprofundado. Como a ação assume a importância maior na narrativa, o aprofundamento psicológico das personagens, o tema da busca da identidade e o progressivo amadurecimento de João não se tornam convincentes.

Como pode-se observar em vários trechos, essa obra incorpora no texto ficcional referências a algum tema que seja “útil” para a vida escolar dos leitores. Ou seja, a obra mantém o compromisso de, em meio às aventuras vividas pelas personagens, esclarecer sobre fatos históricos, apresentar datas e informações ligadas às invasões francesas no Brasil, aos corsários, à colonização portuguesa.

Essas informações, transmitidas por um narrador onisciente em terceira pessoa, acentuam o tom autoritário e pedagógico de uma voz que, por estar fora da narrativa, possui mais conhecimento e desempenha o papel de transmitir informações escolares aos jovens leitores. O trabalho superficial com os elementos estruturais da narrativa também colaboram para uma certa fragilidade no que concerne à qualidade estética da obra.

Cumprindo o que foi proposto na apresentação, a obra alcança seu objetivo: esclarecer sobre a história de Niterói, mostrar o Caminho Niemeyer e o primeiro amor de João. No final da história inclui-se um almanaque, que acentua o caráter paradidático da narrativa. Nele se esclarece o que é ficção e o que é verdade na história contada, apresentando-se mais informações sobre a Baía de Guanabara, sobre os corsários franceses, entre outros assuntos.

A Série Vaga-Lume e as exigências do mercado.

Na tese intitulada “Narrativas juvenis: em busca da especificidade do gênero” (2009), realizou-se um estudo da Série Vaga-lume² para analisar as particularidades estéticas das narrativas juvenis brasileiras contemporâneas. Observou-se que as obras dessa coleção possuem características estéticas semelhantes, provavelmente com o intuito de não romper com um padrão que fez sucesso diante do público leitor.

A construção das narrativas está em consonância com as exigências da editora. Fato que pode ser observado desde a apresentação da obra, cujos apontamentos, presentes na contra-capa de alguns livros, resumem o que será abordado na narrativa, cujas características são: temas voltados para o universo juvenil, informações didáticas que atendam aos interesses da escola, e muita ação para prender o jovem leitor em uma cadeia de peripécias. A correspondência entre a apresentação e a obra coloca em evidência as imposições da editora e a pouca liberdade concedida aos escritores no que concerne ao processo de escrita literária.

Sílvia Helena Simões Borelli, em um estudo sobre as etapas de produção dos romances que são lançados na Série Vaga-lume, observa que há um estreito laço entre o processo de escritura literária e as normas da editora Ática e suas concepções sobre o que seja literatura para o jovem leitor. As etapas para a produção do livro são acompanhadas de perto pelo editor e o escritor deve seguir diversas exigências para se adequar aos padrões da editora.

Primeiramente, ao encomendar uma narrativa, o editor responsável pela coleção discute a sinopse com o escritor. Em seguida, o texto é encaminhado para diversos leitores como jovens, professores mais ousados e professores mais conservadores na escolha das obras que serão adotadas para leitura na sala de aula. Depois disso, o escritor deve modificar suas obras, com o intuito de incorporar nas narrativas as diversas sugestões feitas pelos mais variados leitores. Posteriormente, há ainda um processo de uniformização para que as obras

2 Para realizar o estudo, foram lidas todas as obras publicadas na Série Vaga-lume, de 1970 a 2006, e as obras finalistas do Prêmio Jabuti de 2005 a 2007.

fiquem no modelo exigido pela editora:

Da leitura crítica externa, o texto passa pelo processo de preparação de originais – uniformização da linguagem e padronização de acordo com os critérios adotados pela editora – e retorna ao editor que formula relatório com sugestões e encaminhamentos contidos nos pareceres dos três leitores: editor, assistente e leitor-crítico. Este relatório é dirigido ao autor que aceita, ou não, reformular o texto e devolvê-lo na segunda versão. A nova versão tanto pode voltar na forma definitiva quanto retornar aos leitores-críticos para nova avaliação. Às vezes, o texto depende da elaboração de uma terceira ou quarta versão. Ao final, impera a opinião do editor, que toma decisão sobre a pertinência da publicação deste livro.(p.119)

O Editor, em nome do sucesso da coleção, assume um papel importante na configuração do que deve ser priorizado na construção do literário. Assim, à produção do livro são incorporadas as normas da indústria de fabricação, com o intuito de adotar procedimentos próprios que possam satisfazer o receptor e alcançar vendas vultosas. Ao escritor cabe acatar as normas da Editora para que seu livro seja publicado, o que corresponde a seguir infundavelmente padrões que sejam acessíveis a um vasto público consumidor.

Borelli afirma que

De um lado, a divisão técnica do trabalho que dilui autorias, mas possibilita, paradoxalmente, a execução de um produto que resulta do esforço conjugado de autores variados; somam-se aos escritores todos aqueles que investem, interferem, propõem, alteram e imprimem um contorno final ao objeto, seja ele livro, filme, radionovela. Todos estes, mercadorias solidamente construídas de acordo com modelos de fabricação, chegam às mãos de um consumidor-receptor que deles se apropria e transforma-os em objetos impalpáveis, passíveis de realizar, sonhos, desejos, criar novos sonhos, novas fantasias.

A diluição de autorias e o esforço conjugado parece ser um recurso muito democrático, mas, de fato, é difícil pensar em democratização do saber quando impera a voz de um só, a do editor e seus interesses mercadológicos. A divisão da produção do livro em consonância com a divisão do trabalho é uma postura comum nas editoras da atualidade. No entanto, em relação à Série Vaga-lume, o pêndulo pende demasiadamente para as normas do mercado e não há uma relação de igualdade entre a indústria cultural e a liberdade criativa do escritor, mas a submissão deste aos interesses do mercado.

A autora considera que, a partir da década de 70, o mercado editorial brasileiro segmenta-se em torno de públicos diferenciados e, gradativamente, vai assumindo a postura de empresa desvinculada do trabalho artesanal de escritura que predominou nos séculos anteriores ao surgimento da imprensa. A produção editorial impõe normas próxima da fabricação industrializada que vão permear a construção das representações imaginárias. Haverá, então, maior participação do editor na elaboração dos bens simbólicos, e aspectos como a divulgação e a comercialização serão levados em conta ao lado do processo de construção do literário.

Dessa forma, em relação à Série Vaga-lume, cria-se uma literatura que tem como objetivo oferecer material paradidático aos professores e ser acessível ao jovem leitor, configurando-se como leitura de entretenimento. Borelli questiona as exclusões em torno de divisões tais como cultura popular, cultura erudita e cultura de massa e propõe um conceito de cultura mais geral e menos elitista. Para ela, a conjunção dos três fatores, editor, editora e escritor, é marcante na atualidade e não deve ser vista somente no viés da simplificação dos preceitos literários. Assim, a autora considera que para uma obra ser considerada como literária deve-se observar as relações estabelecidas com o público receptor, redimensionando o estatuto do literário em prol de se aceitar a diversidade de manifestações culturais, sem necessariamente julgar uma forma melhor do que a outra.

Contudo, a discussão acerca da literatura juvenil é indissociável da observação da especificidade de seu destinatário, um leitor considerado como em formação, que pode transcender as leituras de obras como as da Série Vaga-Lume ou pode ficar restrito a um único parâmetro de literatura. Ao se privilegiar o viés da indústria cultural, designa-se um papel demasiadamente importante ao mercado editorial, deixando de lado a formação da sensibilidade do jovem leitor pelas mais variadas formas de leitura.

Sob a perspectiva de Borelli, o mercado editorial opera a democratização do saber ao dividir a produção em várias etapas e vários autores. Entretanto, é necessário observar se o estatuto do literário ficará relegado a segundo plano. Nesse caso, o suposto acesso à literatura pode ser, de fato, alienador, por corresponder tão plenamente ao que o público consumidor quer encontrar numa obra literária. Corre-se o risco de condicionar o jovem leitor a um único tipo de leitura, sem que ele seja capaz de ter acesso a outros códigos literários mais complexos.

Como observou-se, as duas obras analisadas da Série Vaga-lume foram publicadas com mais de três décadas de distância temporal. No entanto, não apresentam diferenças substanciais quanto aos seus objetivos, tratamento temático e elaboração formal. Segue-se um padrão infundavelmente e o leitor é condicionado também a uma única ideia de literatura.

Para se pensar em formação do leitor, é necessário observar a relevância de categorias como o ético e o estético, o papel que as normas do mercado devem desempenhar na construção do literário, a responsabilidade das editoras com o público juvenil e isso só será possível se forem desenvolvidos mais estudos que esclareçam sobre as concepções ideológicas subjacentes às obras literárias voltadas para o jovem leitor. Além disso, ainda há muito a ser feito no terreno da recepção. É necessário que sejam realizados estudos que lancem luzes sobre como pode ser feita a passagem da leitura de obras como as da Série Vaga-lume para outras obras que exijam uma participação mais ativa do leitor e estimulem sua capacidade de dominar outras concepções do literário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lúcia Machado de. *Spharion*. São Paulo: Ática, 1979.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ: Estação Liberdade, 1996.
- CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero. 09/10/2009. 190f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- MARTINS, Eliana. *A chave do corsário*. São Paulo: Ática, 2007.
- TURCHI, Maria Zaira. O estético e o ético na literatura infantil. In: CECCANTINI, João Luís

(Org.). *Leitura e leitura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004.